

Por que um segundo turno

CORREIO BRAZILIENSE

José Genoino

Eleição Presidencial 29 SET 1998

Se o eleitor parar um pouco para lançar um olhar racional sobre o atual quadro das eleições presidenciais, encontrará muitos motivos para desejar um segundo turno, mesmo que o candidato de sua preferência seja Fernando Henrique Cardoso. As eleições estão envolvidas por circunstâncias especiais determinadas por uma crise veloz, cujo desdobramento é imprevisível. Há, praticamente, um consenso entre analistas políticos e economistas sérios sobre o fato de que o modelo econômico adotado pelo governo se esgotou. E, para que a estabilidade econômica não sofra um colapso, o governo está na obrigação de adotar medidas fortes que não foram ainda sinalizadas para a sociedade. Nessas condições, quanto mais tempo a sociedade ganhar, melhor para ela. Se forçar um segundo turno, estará obrigando o governo a anunciar quais serão as medidas que pretende adotar para enfrentar a crise. Se o segundo turno não ocorrer, o eleitorado estará dando um cheque em branco ao governo para que decida unilateralmente o pacote anticrise. A principal vítima desse pacote poderá ser a própria sociedade.

Até mesmo reportagens em alguns dos principais jornais da Inglaterra e

dos Estados Unidos sustentam que o governo brasileiro desenvolveu articulações para esconder a gravidade da crise do povo. Além disso, lançou uma cortina de fumaça para esconder suas responsabilidades com a crise, afirmando que se trata essencialmente de uma crise global. Nenhuma pessoa que transita nos meios especializados — político, econômico, de mercado ou acadêmico — acredita nessa afirmação eleitoral. Todos sabem que a crise atinge de forma desigual os países. O Brasil tornou-se o epicentro por força de seu alto déficit fiscal e nas contas correntes e por causa da sobrevalorização cambial. Se o governo esconde a crise e engana a sociedade sobre as causas reais, é legítimo supor que pretende golpeá-la também quanto às medidas que adotará num futuro próximo.

Apostar num segundo turno, votando no dia 4 de outubro em Lula, Ciro ou em outro candidato de oposição, significa fazer uma espécie de seguro contra surpresas desagradáveis vindas do governo. Todo o esquema do primeiro turno foi montado para beneficiar a reeleição de Fernando Henrique. Ele conta com quase o dobro do tempo de TV de todos os outros candidatos, com a máquina fede-

ral, com as máquinas de vários estados e com o apoio do poder econômico. Além de tudo isso, Fernando Henrique conta com espaços privilegiados nos noticiários pelo fato de ser presidente da República no exercício do cargo. Com todos esses meios, as condições da disputa eleitoral ficaram extremamente desiguais e a candidatura oficial sentiu-se suficientemente à vontade para manipular a opinião pública e omitir-se sobre vários pontos da agenda do país. Os candidatos da oposição estão sufocados, seja pelo pouco tempo na TV, seja pela escassez de recursos e meios.

Um segundo turno forçaria completa mudança no panorama da disputa. Os dois candidatos polarizariam as atenções e seriam obrigados a dizer claramente as medidas que pretendem adotar para enfrentar a crise. Fernando Henrique seria forçado a sair detrás do biombo fantasioso que montou para reeleger-se e teria que assumir a gravidade da situação, firmando compromissos públicos quanto às opções e saídas que pretende adotar. A disputa eleitoral tenderia a sair da insipidez em que se encontra. Debates seriam realizados, os programas e as propostas seriam submetidos ao crivo da crítica e da opinião pública.

Eleger Fernando Henrique no primeiro turno, nas atuais circunstâncias, significa embarcar num vôo cego, apostar num salto no escuro. O governo é o principal responsável pela crise. Não é razoável que a sociedade lhe entregue a chave do cofre sem exigir-lhe alguma contrapartida. E a contrapartida só poderá ser imposta se houver segundo turno.

Apostar num segundo turno, além de ser opção inteligente, é um ato de necessidade e de racionalidade. O que está em jogo são milhões de empregos, as condições de produção, a manutenção ou a quebra de empresas, a aposta na produção ou o jogo do cassino financeiro, as políticas públicas ou o aumento da miséria social. Tudo isso representa muito, é o futuro do país, são interesses reais das pessoas. É preciso perceber que o que está se decidindo não é a mera escolha da pessoa do futuro presidente. Por isso quero enfatizar novamente: mesmo os que preferem Fernando Henrique estarão fazendo um exercício de defesa de seus interesses e do interesse da sociedade se agirem para provocar um segundo turno.

■ José Genoino é deputado pelo PT de São Paulo